

Direito a pecar: Caim, de José Saramago e a construção simbólica do pecado

Right to sin: Cain by José Saramago and the symbolic construction of the sin

RESUMO

João Victor Arcega Simino
jsimino@alunos.utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Rogério Caetano de Almeida
rogerioalmeida@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Este trabalho traz uma análise do livro Caim (2009), de José Saramago, sob a perspectiva da construção simbólica da figura do pecado como instrumento de libertação humana. Foram analisadas as figuras de Adão, Caim e Deus nos primeiros e últimos capítulos do livro, utilizando as teorias da polifonia, carnavalização e sátiras menipeias, de Mikhail Bakhtin (2010). Partimos da hipótese de que José Saramago defende um direito ao pecar e buscamos identificar os elementos utilizados para tanto. Na análise verificamos, a partir da figura da maçã, que o pecado toma duas formas distintas: a) transgressão; b) conhecimento. Ao sintetizar essas duas formas, concluímos que José Saramago constrói a figura simbólica do pecado enquanto controle moral da consciência humana através da censura do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago. Literatura portuguesa. Bíblia e literatura.

Recebido: 19 ago. 2020.

Aprovado: 01 out. 2020.

Direito autoral: Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the book Caim (2009), by José Saramago, considering a perspective of the symbolic construction of the figure of sin as an instrument of human liberation. The figure of Adam, Cain and God were analyzed in the first and last chapters of the book, using the theories of polyphony, carnivalization and Menippean satires, by Mikhail Bakhtin (2010). Based on the hypothesis that José Saramago defends a right to sin, we seek to identify the elements used to do so. In the analysis we found, from the figure of the apple, is that sin takes two different forms: a) transgression; b) knowledge. In summary, we concluded from these two forms that José Saramago builds a symbolic figure of sin as moral control of human consciousness through the censorship of knowledge.

KEYWORDS: José Saramago. Portuguese literature. Bible and literature.



INTRODUÇÃO

Em meados de 2009 José Saramago publica *Caim*, um livro que resgata e reinterpreta episódios conhecidos do pentateuco, dissertando também sobre a figura do pecado, ao desenvolver uma perspectiva de como se dá a relação entre criador e criatura. Problematizaremos este ponto buscando demonstrar, a partir do contexto de criação do livro, de que forma o trabalho de José Saramago sobre essa figura se comporta.

Ainda em 2009, no livro *Uma longa viagem com José Saramago*, de João Céu e Silva, Saramago afirma que “a Igreja não está nada preocupada com a minha alma ou com a sua [...] porque o que quer controlar é o meu corpo e o seu corpo” (SILVA, 2009 *apud* AGUILERA, 2010, p. 130). A questão inicial é: como isso seria feito? Essa preocupação é uma das temáticas que vêm à tona em *Caim*. Nossa hipótese é de que o autor reivindica um direito a pecar¹.

Para tanto, busca-se identificar os elementos a partir dos quais o autor desenvolve este tema à luz das teorias de polifonia discursiva e carnavalização de Mikhail Bakhtin (2010) e das implicações desses elementos como base de análise estilística na interpretação da narrativa, abarcando os primeiros e os últimos capítulos do livro, tendo como ponto de referência as relações entre criatura e criador (Deus, Adão e Caim) e trabalhando, em paralelo, sobre as formas de confronto entre pecado/conhecimento e mal/bem, sobre a tensão entre essas figuras e sobre a luta por uma consciência humana e livre. Partindo disso, buscamos demonstrar, em três pontos de análise, como o autor trabalha o tema “pecado” a fim de sustentar o argumento de defesa do pecar enquanto instrumento de libertação e empoderamento do ser humano.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trabalho feito com pesquisa bibliográfica. Os materiais utilizados no trabalho foram livros e sites de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CAIM, UMA OBRA CARNAVALIZADA

Mikhail Bakhtin (2010), ao tratar da teoria da **polifonia discursiva**, aponta para elementos úteis para nossa análise: a partir da carnavalização e da menipeia. Para ele, a **polifonia** é trabalhada como “uma multiplicidade de vozes plenivalentes nos limites de uma obra” (2010, p. 39). É dentro dela que se destaca a teoria da **carnavalização** – enquanto uma literatura que, “direta ou indiretamente, [...]

¹ Em alusão a: 1. Sua fala em entrevista ao jornal *El Mercurio*, de 1994: “Para mim, é muito claro que, entre os direitos humanos de que se fala tanto, existe um que não pode ser esquecido: o **direito à heresia**, a escolher outras coisas.” (SARAMAGO, 1994 *apud* AGUILERA, 2010, p. 448, grifo nosso). 2. Ao trecho de seu artigo publicado em seu blog pessoal, em julho de 2009: Na lista das criações humanas [...] não tenho visto incluído aquele que foi, em tempos passados, o mais eficaz instrumento de domínio de corpos e almas. Refiro-me ao sistema judiciário resultante da invenção do pecado [...] o sistema judiciário baseado no pecado ainda continua a envolver e penetrar, com fundas raízes, as nossas consciências (SARAMAGO, 2009b, s/p).

sofreu a influência de diferentes modalidades de folclores carnavalescos” (p. 122) – e os elementos da **sátira menipeia**, definida por ele como um gênero satírico e “universal das últimas questões” (p. 168). Bakhtin parte do entendimento de que os elementos narrativos se dialogam mutuamente, formando um todo polifônico de sentidos e significados.

Tomando a **ideia** enquanto acontecimento vivo e intersubjetivo (Cf. BAKHTIN, 2010, p. 98), encara-se o romance polifônico como uma construção sintática e semântica que aponta para duas ou mais formas de o autor dialogar com a ideia. No caso de *Caim*, José Saramago encontra formas de reinterpretar Deus e determinados acontecimentos do Antigo Testamento da Bíblia. Uma forma de manifestar a ideia é invertendo posições hierárquicas e valores morais do mundo comum por meio da carnavalização. *Caim*, reinterpretando os elementos do divino, apresenta-nos esse mundo invertido, no qual Deus não é misericordioso, mas rancoroso e soberbo:

E que senhor é esse que ordena a um pai que mate o seu próprio filho [...] O costume do senhor é mandar a ruína, ou uma doença, a quem lhe falhou, Então o senhor é rancoroso, Acho que sim [...] (SARAMAGO, 2009a, p. 82).

[...] Como tu foste livre para deixar que eu matasse a Abel quando estava na tua mão evita-lo, bastaria que por um momento abandonasses a soberba [...], bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso [...] (SARAMAGO, 2009a, p. 34).

É nesse mundo carnavalizado que Saramago desenvolve o ponto de vista da soberba e do rancor divinos, apresentando um Deus limitado e que tem, portanto, coisas que fogem à sua vigilância. Partindo disso, chegamos às sátiras menipeias², de cujas características se destacam: a) Libertação de limitações histórico-memorialísticas; b) Criação de situações extraordinárias para experimentação da ideia no enredo; c) Colocação de contrastes e jogos de oxímoros (Cf. BAKHTIN, 2010, p. 130-4).

Caim é uma narrativa profundamente carnavalizada ao mesclar, a partir da história bíblica de Caim e Abel, parte de outros dos principais episódios do Antigo Testamento. Na obra, após matar seu irmão, Caim é condenado por Deus a vagar pelo tempo, tornando-se um espectador de Suas obras. Trabalha-se nesse enredo o chamado direito a pecar, na ideia de que o pecado é um instrumento de controle por meio da condenação e de que o conhecimento, como veremos adiante, é dado enquanto instrumento de libertação do indivíduo.

Essa relação criador e criatura é uma tensão constante que move a narrativa de Caim. Nosso ponto de partida é o seguinte trecho, sobre Adão e Eva aos cuidados de Deus:

Nuzinhos, em pelota estreme, já eles andavam quando iam para a cama, e se o senhor nunca havia reparado em tão evidente falta de pudor, a culpa era da sua cegueira de progenitor, a tal, **pelos vistos incurável, que nos impede de ver que os nossos filhos, no fim de**

² As menipeias enquanto exemplo de um gênero profundamente carnavalizado (Cf. BAKHTIN, 2010, p. 180).

contas, são tão bons ou tão maus como os demais (SARAMAGO, 2009a, p. 13, grifo nosso).

Nesse trecho o narrador apresenta um Deus descuidado com suas criações e com seus filhos, Adão e Caim, quando, no aposto “pelos vistos incurável”, podemos apontar para um descuido contínuo na narrativa, sendo esse o ponto principal para a relativização do pecado, porque é justamente esse Deus que causará a tensão e o estranhamento na narrativa. É nela que o pecado se torna uma representação tanto de condenação (expulsa-se Adão e Eva do paraíso; marca-se Caim), quanto de pressuposto de existência (os seres humanos praticam tanto o bem como o mal porque são humanos). Tendo essas duas figuras, propomos o seguinte campo de representação: entre a maçã e a consciência humana. A maçã será analisada como um símbolo do pecado em duas leituras: enquanto transgressão e enquanto conhecimento.

PERSPECTIVAS 1 E 2 – A MAÇÃ E A CONSCIÊNCIA HUMANA: ENTRE O CONHECIMENTO E O PECADO

A expulsão de Adão e Eva do Éden demonstra na obra uma relação dúbia e tensa entre criador e criatura³, que se repetirá ao longo do livro. Nessas primeiras páginas o narrador aponta para o surgimento da consciência humana: “é provável que um ou outro objetivo do violento empurrão dado pelo senhor às mudas línguas dos seus rebentos fosse pô-las em contacto com os mais profundos inferiores do ser corporal, as chamadas incomodidades do ser” (SARAMAGO, 2009a, p. 10).

Com isso, ele observa o momento em que Deus concede a fala ao ser humano, quando este ser humano poderia enfim expressar-se livremente. Isso não se dá ao acaso, porque ao adquirir a fala, teria o ser humano entrado em contato com a sua própria consciência que, entretanto, não seria o bastante para ele, visto que ainda seria necessário o conhecimento. Este, por sua vez, só é adquirido quando Adão e Eva provam do fruto proibido.

Agora somente nos interessa a família de que o papá adão é cabeça, e que má cabeça foi ela, pois não vemos como chamar-lhe doutra maneira, já que bastou trazer-lhe a mulher o proibido fruto do conhecimento do bem e do mal para que o inconsequente primeiro dos patriarcas [...] se tivesse engasgado com ele, deixando-nos a nós, homens, para sempre marcados por esse irritante pedaço de maçã que não sobe nem desce (SARAMAGO, 2009a, p. 14-15).

Entende-se a partir do exposto que a consciência se completa com a figura do conhecimento, alcançado a partir do ato de pecar, representado pelo pedaço de maçã que, por sua vez, implica em duas representações coexistentes: a) De

³ Vide o seguinte trecho: “Depois eva perguntou, Seja existiam outros seres humanos, para que foi então que nos criou o senhor, Já deves saber que os desígnios do senhor são inescrutáveis, mas, se bem entendi meia palavra, tratou-se de um experimento, Um experimento, nós, exclamou adão, um experimento, para quê, Do que não conheço de ciência certa não ousaria falar, o senhor lá terá as suas razões para guardar silêncio sobre o assunto, Nós não somos um assunto, somos duas pessoas que não sabem como poderão viver, disse eva [...]” (SARAMAGO, 2009a, p. 27). Neste trecho, o querubim deixa nítido que Deus não se importa tanto em tratar a humanidade enquanto humanidade, mas enquanto um assunto ou um experimento. Isso será motivo de confronto entre o que é bem e o que é mal, em outras palavras, sob qual perspectiva esse par de oposição visto: aos olhos do criador ou da criação.

conhecimento (do bem e do mal); b) Do pecado, por ser fruto de uma violação da vontade divina. O detalhe importante no trecho citado é o fato de Adão ter se engasgado com o pedaço de maçã, que se reforça quando “Desesperado, o pobre homem tentou, sem resultado, tragar o bocado de maçã que o delatava, mas a voz não lhe saiu, nem para trás nem para diante.” (SARAMAGO, 2009a, p. 16).

Interpretamos que: a) uma vez sendo a **maçã** o fruto do conhecimento e a **fala** o contato do ser humano com sua consciência, é construída uma representação do ser humano enquanto um indivíduo que silencia suas incomodidades a partir do conhecimento; e b) ficamos “para sempre marcados” (p. 10) por esse acontecimento porque o Deus descontente, na narrativa, condena o conhecimento⁴, e condena porque a maçã pode ser entendida também como representação do pecado.

A separação entre o carnavalesco e o extracarnavalesco aqui é tênue, porque a proibição do conhecimento parte da ideia de embate entre religião e ciência, mas, por outro lado, a narrativa apresenta uma inversão: rebaixa-se o divino ao entregar um de seus atributos (o conhecimento) aos seus servos. Essa tensão é reproduzida ao pôr a figura de Deus em pé de igualdade ao ser humano. Saramago coloca isso nas palavras de Eva, em: “Foi o que sonhei, senhor, que não querias que comêssemos do fruto porque abriríamos os olhos e ficaríamos a conhecer o mal e o bem como tu os conheces” (SARAMAGO, 2009a, p. 17).

A finalidade de Deus seria, então, manter o ser humano incômodo para que, ao suprir essas incomodidades, Ele mantivesse seu poder. Saramago aponta, a partir disso, para o funcionamento da religião em relação à manutenção do poder e do **controle** sobre as pessoas. Pôr, por meio da figura do conhecimento, o ser humano em igualdade a Deus, é apontar para o ato de pecar enquanto libertação dessa forma de controle e o subsequente empoderamento humano: em outras palavras, sendo o pecado uma forma de controle e vigilância repressora, pecar torna-se um direito humano.

Essa forma de controle tensiona os elementos retidão/pecado e desconhecimento/conhecimento, implicando no contraste entre o par bem/mal, tensão feita a partir da afirmação de que a natureza humana é posta de lado por essa moral religiosa. Diz o narrador que

Este episódio [expulsão de Adão e Eva do Éden], que deu origem à primeira definição de um até aí ignorado pecado original, nunca ficou bem explicado. Em primeiro lugar, mesmo a inteligência mais rudimentar não teria qualquer dificuldade em compreender que estar informado sempre será preferível a desconhecer [...] (SARAMAGO, 2009a, p. 12-13).

[...] os seres humanos são curiosos por natureza [...] (SARAMAGO, 2009a, p. 28).

Ou seja, se conhecer é uma condição da natureza humana, negá-la seria negar o humano, e nega-se essa condição ao torná-la um pecado. Na narrativa, há um preço a se pagar por essa condição humana, porque ela afastaria o ser humano

⁴ “[...] a terra ficou amaldiçoada por tua causa [adão]” (SARAMAGO, 2009a, p. 18).

de sua zona de conforto e dos desígnios de Deus⁵. Tomamos com essa consideração a condenação de Caim, a qual retoma um Deus enquanto instrumento de controle e censura:

[...] disse o senhor, tocando com o dedo indicador a testa de caim, onde apareceu uma pequena mancha negra, Este é o sinal da tua condenação, acrescentou o senhor, mas é também o sinal de que estarás toda a vida sob a minha proteção e sob a minha censura (SARAMAGO, 2009a, p. 36).

Representa-se nessa cena o julgamento do pecado e, ao mesmo tempo, uma forma de controle dos corpos: o controle subjetivo e a reprovação do conhecimento são postos no campo simbólico pela parte do corpo sinalizada em Caim, a cabeça (símbolo de consciência e raciocínio). Há na condenação do conhecimento o controle ideológico, sendo que é justamente pelo conhecimento que se constata um sentido moral de existência inato ao ser humano, representado em Caim nos seguintes trechos:

[...] para caim nunca haverá alegria, caim é o que matou o irmão, caim é o que nasceu para ver o inenarrável, caim é o que odeia deus (SARAMAGO, 2009a, p. 142).

Apesar de assassino, caim é um homem intrinsecamente honesto, os dissolutos dias vividos [...] não foram bastantes para perverter o seu inato sentido moral da existência (SARAMAGO, 2009a, p. 143).

A condenação de Caim é uma condenação às qualidades humanas, sob critérios desumanos, e esse é um dos principais questionamentos de Caim: “onde é que nasceu essa peregrina ideia de que deus, só por ser deus, deva governar a vida íntima dos seus crentes” (SARAMAGO, 2009a, p. 158-9). Ou seja, não seria justo restringir a liberdade sob critérios desproporcionais.

Partindo dessas duas perspectivas, podemos perceber que a tensão entre pecado e conhecimento e a busca por uma libertação de uma forma de controle instituído, que vêm da relativização carnavalesca da figura divina, desaguam em uma terceira perspectiva, a da relativização de bem e mal.

PERSPECTIVA 3 – ALÉM DO BEM E DO MAL: PARA UMA RELATIVIZAÇÃO DAS FIGURAS DE DEUS E CAIM

Esta terceira leitura para o pecado e o conhecimento gira em torno da contraposição entre bem e mal, considerando que o conhecimento do bem e do mal pressupõe a possibilidade de os praticar. José Saramago, por meio da carnavalização desses elementos, realiza a contraposição e confusão deles. Poderia, assim, a figura de Deus ser boa e má: ao relativizá-la, o autor põe em pauta até que ponto o bem poderia servir como forma de manipulação humana.

⁵ Viveria o indivíduo ou em um Éden (sob vigilância de Deus) ou em uma terra árida (com liberdade): “Fora do jardim do éden a terra era árida, inóspita” (SARAMAGO, 2009, p. 19). Se existem, contudo, dificuldades para viver nessa “terra árida”, essas são impostas pela própria figura divina. Entretanto, sendo o “Éden” uma forma de controle, o ser humano tende a preferir a liberdade, seja pelas transgressões apresentadas pelas personagens do livro, seja na busca pelo conhecimento e desenvolvimento científico da vida real, por exemplo.

A inversão questiona a posição moral do mundo comum, apresentando-a pelo avesso. Isso é provocado a partir do confronto entre os mundos fictício e comum. Saramago coloca isso nas palavras de Caim, quando o personagem decide falar, mais adiante, sobre esse Deus mal, em diálogo com a personagem Lilith:

[...] o nosso deus, o criador do céu e da terra, está rematadamente louco, Como te atreves a dizer que o senhor deus está louco, Porque só um louco sem consciência dos seus actos admitiria ser o culpado directo da morte de centenas de milhares de pessoas e comportar-se depois como se nada tivesse sucedido, salvo, afinal, que não se trate de loucura, a involuntária, a autêntica, mas de pura e simples maldade (SARAMAGO, 2009a, p. 128-9).

Isso culmina, ao fim da narrativa, na própria confusão entre Deus e Caim, uma inversão topográfica típica do universo carnavalizado quando tomamos Deus como bom e Caim como mal (mundo comum) e os confrontamos com o Deus assassino e o Caim injustiçado (mundo carnavalizado). Não seria, entretanto, Caim um sujeito necessariamente bom apenas por não seguir a um Deus mal, e aqui ocorre a confusão, observa-se:

[...] Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, é assim que me agradeces ter-te poupado a vida quando mataste Abel, perguntou o senhor, Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face (SARAMAGO, 2009a, p. 172).

Essa verdadeira face seria Caim, mas também é necessário observar a latente disparidade entre os personagens na medida em que para Caim houve uma condenação a seus atos. José Saramago, na cena final de seu livro, cria um julgamento ao divino, reiterando o confronto entre criatura e criador: “Caim és, e malvado, infame matador do teu próprio irmão, Não tão malvado e infame como tu, lembra-te das crianças de Sodoma. Houve um grande silêncio.” (SARAMAGO, 2009a, p. 172).

Confundem-se as representações de bem e mal: julga-se moralmente criatura e criador. O grande silêncio que segue à fala é um prenúncio de um fim divino porque, para o autor, sem o ser humano que perceba, não há Deus, visto que ele “não precisa do homem para nada, excepto para ser Deus. [...] quando o último homem morrer, Deus não ressuscitará. [...] Deus é o silêncio do universo” (SARAMAGO, 1997, p. 230).

Ao mesmo passo, lemos ao fim do livro que “A resposta de deus não chegou a ser ouvida, também a fala seguinte de caim se perdeu [...] a única coisa que se sabe de ciência certa é que continuaram a discutir e que a discutir estão ainda.” (SARAMAGO, 2009a, p. 172). Caim é esse último homem, o grito que dá sentido a esse Deus. Representando o pecado e o conhecimento, Caim está para a humanidade assim como a maçã também esteve, ou seja, se a maçã foi o último fio de relação entre a humanidade e o Éden⁶, Caim é o último fio da relação entre a humanidade e Deus⁷. Caim é, assim como a maçã, pecado e conhecimento e é também representante do humano. Andando pecado e conhecimento lado a lado, entendemos que o ato simbólico de pecar seria, por fim, o último fio de relação entre a humanidade e suas formas de domínio e controle.

⁶ O Éden enquanto instrumento de controle (vide nota anterior).

⁷ Igualmente tomado enquanto instrumento de controle.

CONCLUSÕES

José Saramago, ao carnavalizar os episódios do Antigo Testamento em *Caim*, trabalha a inversão de Deus enquanto representação de bem e Caim enquanto representação de mal, mas também compara criatura e criador tomando o divino como representação do inumano e da igreja e da criatura enquanto representação do humano transgressor e cognoscente; há, então, não só um embate entre a religião e o conhecimento, mas entre o controle moral do ser humano e a libertação do indivíduo, em defesa do ato de pecar enquanto um instrumento de libertação e um direito humano.

Seria essa uma das razões de José Saramago explorar os livros do Antigo Testamento e carnavalizá-los: demonstrar o latente embate entre a religião institucionalizada e o conhecimento e uma constante tensão entre a moral religiosa – enquanto poder simbólico – e o pecado – enquanto instrumento de empoderamento humano.

O autor ainda fecha a história constatando que haveria, desde então, uma tensão entre o instrumento de controle e a sua revelia; entre censura e liberdade, salvação e condenação, bem e mal, cujo fio condutor seria a figura simbólica do pecado. Saramago também faz um apontamento ao confrontar bem e mal e aproximar o pecado do conhecimento: de que, ao enfrentar o autoritarismo moral, pecar pode acabar sendo um direito humano, na luta por uma consciência coletiva e livre.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação Araucária FA - Paraná/Brasil.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, F. G. (org.). **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SARAMAGO, J. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, J. **Caim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

SARAMAGO, J. **Direito a pecar**. Outros cadernos de Saramago. 28 jul. 2009b. Disponível em: <https://caderno.josesaramago.org/2009/07/> Acesso em: 27 jun. 2020.